

“Poder ubú” e política de morte no México

“Ubu-power” and politics of death in Mexico

Betty Solano

Resumo

O objetivo que alenta o presente trabalho é a reflexão sobre o poder em duas dimensões. A primeira, relacionada à presença do “grotesco” como categoria inscrita na mecânica do poder, que foi um tema abordado por Foucault (2001) no livro *Os Anormais*. A segunda, vinculada à função das práticas de morte executadas pelo Estado na sociedade contemporânea, através da problematização da chegada do Enrique Peña Nieto à presidência do México (2012). Sendo assim, será problematizado o papel da mídia na justificativa das práticas de morte e na produção de subjetividades na contemporaneidade, acudindo basicamente às noções *risco* e de *vítima virtual* usadas por Vaz, P.; Sá-Carvalho, C.; Pombo, M. (2005) e Paulo Vaz (2009).

Palavras-chave

Poder Ubú, vítima virtual, Atenco.

Abstract

The intention of this paper is to reflect about the power in two dimensions. First is related to the presence of the “grotesque” as a category inscribed in the mechanisms of power, just like it was presented by Foucault (2001) in the Abnormal. The second one is linked to the death practices carried out by the state in a contemporary society, through the problematization of Peña Nieto’s arrival to the presidency of Mexico (2012). Also, it will be problematized the media’s role in both the justification of practices of death and the production of contemporary subjectivities, using the notions of risk and virtual victim used by Vaz, P.; Sá-Carvalho, C.; Pombo, M. (2005) and Paulo Vaz (2009).

Keywords

Ubu-power, virtual victim, Atenco.

Betty Solano

Faculdade de Economía de la Universidad Popular del Cesar (Colômbia)

Mestre em Políticas Públicas e Formação Humana pela UERJ. Professora da Faculdade de Economia da Universidad Popular del Cesar (Colômbia).

bsoles2014@gmail.com

UBÚ PRESIDENTE

Calígula com uma túnica curta de dançarina, com flores na cabeça, aparece como uma sombra chinesa atrás da cortina. Ele anda com ridículos passos de dança e se eclipsa. Imediatamente depois um guarda diz com uma voz solene "o espetáculo acabou"¹ (CAMUS A, 1991, p. 447, tradução nossa).

Poderia o Calígula atualmente reger os destinos de um país com 127 milhões de "almas"? Poderia o Hitler diluir sua crueldade mediante uma encenação cômica? A história recente do país Azteca parece confirmá-lo. Enrique Peña Nieto (EPN) atual presidente de México é constante alvo de uma avalanche de piadas e insultos na internet, que incluem apelidos como: o burro maior, grande "pendejo"², Mr. Copete, Gel-boy, "Godinez" ou "Jimmy Neutron", entre tantos outros. Avalanche que começou na própria campanha presidencial em 2011, quando o então candidato deu uma desafortunada rodada de imprensa durante a feira do livro de Guadalajara, pois ao ser questionado pelo auditório acerca dos três livros que mais impactaram sua vida, respondeu de forma "cantinflesca"³ assim:

Pois já li vários, algumas novelas que gostei em particular. Dificilmente me lembro do título dos livros. A bíblia é um deles. A bíblia em algum momento da minha vida e alguns versículos bíblicos. Eu não li a bíblia toda, mas sim algumas partes. [...] Li algo que com certeza estimulou a minha vocação pela política. 'A cadeira da águia', de Krauze (que na verdade é de Carlos Fuentes) [...] Tem outro livro dele mesmo que agora eu quero lembrar o nome. Tratava-se de caudilhos, (mas) não me lembro do título exato (MARTÍN, 2011, tradução nossa)⁴.

A despeito das manifestações contra, as piadas nas redes sociais, as críticas de reconhecidos intelectuais e os questionamentos do movimento social durante seu mandato como governador do Estado de México (Edomex)⁵, EPN se consolidou nas eleições presidenciais do ano 2012 com um 38% dos votos a favor. Concretizando, assim, o retorno do Partido Revolucionário Institucional (PRI)⁶ ao poder. Sem importar com o quanto foi xingado e vaiado, nem quantas vezes se evidenciara sua incapacidade para debater e a falta de uma proposta política própria, o chamado "Luis Miguel" da política obteve a vitória nas urnas. O homem que convidava à risada, o personagem de discurso "cantinflesco" que envergonhava ao eleitorado consciente e a intelectualidade mexicana com suas falas incoerentes e carentes de profundidade, finalmente passou a ocupar o maior cargo do poder executivo no México. Quem diria que alguém que disse, e sem o menor rastro de pudor, que não conhece o preço das "tortillas" (alimento básico da população mexicana) já que não é a "dona" da casa, que coça a sua cabeça para responder errado o título e o autor de seus livros preferidos e pede para ser aplaudido, poderia ter chegado ao Palácio Nacional?⁷

Talvez seja porque o caso de EPN corresponde com a posta em cena do Ubú Presidente. Pai Ubú é o personagem que inspira a fábula que Foucault usa para explicar a presença do grotesco no poder; é a figura importada da obra de Alfred Jarry, um ser medroso e cínico que se torna rei através de inúmeros atos de violência; um ser cuja figura causa risada e medo: às vezes ele fala como um neném ou solta pum... e outras vezes ele corta cabeças. "Ele é baixo, vulgar e incrivelmente brutal, um monstro que pareceu burlescamente exagerado em 1896, mas que foi amplamente ultrapassado pela realidade, em 1945" (ESSLIN, 1973, p. 5).

1

Calígula con túnica corta de danzarina, con flores en la cabeza, aparece como sombra chinesa tras la cortina del fondo. Da algunos ridículos pasos de danza y se eclipsa. Inmediatamente después un guardia dice con voz solemne 'el espectáculo ha terminado'

2

A palavra "pendejo" usada em vários países da América Latina hispanofalante pode se traduzir como tolo ou idiota.

3

A expressão "cantinflesca" alude ao discurso típico do personagem criado pelo ator mexicano Mario Moreno "Cantinflas", caracterizado por falar muito e realmente nada dizer.

4

Pues, he leído varios, desde novelas, que me gustaron en lo particular. Dificilmente me acuerdo del título de los libros. La Biblia es uno. La Biblia en algún momento de mi vida y algunos pasajes bíblicos. No me leí toda la Biblia, pero sí algunas partes. [...] Leería algo que seguramente mi vocación por la política alentaba este espíritu. 'La Silla del Águila', de Krauze [en realidad de Carlos Fuentes] [...] Y hay otro libro de él mismo que quiero recordar el nombre sobre caudillos, (pero) no recuerdo el título exacto.

5

Para evitar confusões se falará de México ou governo federal para fazer referência ao país. Já para fazer alusão ao Estado do México se falará em Edomex. Para falar dos cidadãos de Edomex se falará em mexiquenses

Na primeira aula do dia 8 de janeiro de 1975, no livro *Os anormais*, Foucault analisa a presença do grotesco no poder. Para Foucault, o caráter de grotesco ou ubuesco é uma categoria que alude discursos ou indivíduos, que funcionando na maquinaria do poder, contêm qualidades intrínsecas pelas quais deveriam ser privados deste poder. Refere-se, sobretudo, e não de modo exclusivo, ao perito psiquiátrico:

Ele só pode exercer o terrível poder que lhe pedem para exercer [...] por meio de um discurso infantil, que o desqualifica como cientista quando foi precisamente pelo título de cientista que o convocaram, e por meio de um discurso do medo, que o ridiculariza [...] Ele fala a linguagem da criança, fala a linguagem do medo, logo ele, que é o cientista, que está ao abrigo, protegido, sacralizado até, por toda a instituição judiciária e sua espada (FOUCAULT, 2001, p.45).

Depois da leitura de vários relatórios judiciais, e diante das risadas dos seus estudantes por causa dos textos, Foucault assinala a presença de um gênero de discurso com poder legítimo de punir, apesar de carecer das mínimas regras de formação de um discurso científico e também das regras do direito. Trata-se do uso do exame psiquiátrico em matéria penal que, para Foucault, essencialmente tem um papel de “legitimar, na forma do conhecimento científico, a extensão do poder de punir outra coisa que não a infração” (2001, p. 23). São os discursos cotidianos de verdade que matam e que fazem rir, porque além de terem estatuto científico (formulado por pessoas qualificadas), eles têm o poder de vida e de morte e “estão presentes no próprio âmago da nossa instituição judiciária” (2001, p. 9). A esses discursos, Foucault os chama de “grotescos” (ou ubuescos).

O tema do ubuesco no livro *Os Anormais* é apenas abordado por Foucault nas duas primeiras aulas e, ao que parece, para nunca mais retornar a ele. Os motivos podem se deduzir das suas próprias palavras: “Não tenho nem força, nem coragem, nem tempo para consagrar meu curso deste ano a esse tema” (FOUCAULT, 2001, p.17). Contudo, ele também dedica um espaço para analisar a categoria do grotesco em vários momentos da história do poder, com o objetivo de visualizá-la como peça fundamental no funcionamento da mecânica do poder.

O grotesco administrativo é, de fato, uma possibilidade que a burocracia se deu. ‘Ubu burocrata’ pertence ao funcionamento da administração moderna, como pertencia ao funcionamento do poder imperial de Roma ser como um histrião louco (FOUCAULT, 2001, p.16).

O “grotesco” é apresentado por Foucault como procedimento inerente ao funcionamento do poder nas sociedades ocidentais. O grotesco de alguém como Mussolini, diz Foucault, se encontrava inscrito na mecânica do poder. “O poder se dava essa imagem de provir de alguém que estava teatralmente disfarçado, desenhado como um palhaço, como um bufão” (2001, p.16).

Como um bufão se apresentou EPN num cartório para assinar as 266 promessas de sua campanha presidencial, sob o slogan “*assino e cumpro*”⁸. Não resultava suficientemente ridículo a visão do candidato do PRI, obsessivamente preocupado com sua imagem, seu penteado e suas roupas, firmando em cartório promessas que não chegaria a cumprir, como ficou evidente em matéria de segurança com o caso de Ayotzinapa⁹? Não era evidente que se tratava de um “homem de escassos recursos intelectuais e políticos”, como foi descrito pelo escritor mexicano Carlos Fuentes. Então, como ele se tornou o Presidente dos mexicanos?

6

Partido mexicano que se manteve no poder de forma hegemônica entre 1929 e 1989. Com uma origem ligada às lutas sociais do começo do século XX, o PRI foi se aproximando com posturas menos comprometidas com as reivindicações de suas bases e cada vez mais dispostas para o autoritarismo, a corrupção e o clientelismo. Embora esteja filiado à internacional socialista o PRI atualmente é considerado como um partido de centro direita

7

O Palácio Nacional é a sede do Poder Executivo Federal do México.

8

“te lo firmo, te lo cumpro”(tradução nossa)

9

Caso também conhecido como “O Massacre de Iguala” ocorrido o 26 de setembro de 2014, quando 43 alunos da Escola Normal Rural “Raúl Isidro Burgos” em Ayotzinapa desapareceram na cidade de Iguala (Estado de Guerrero). De acordo com relatórios oficiais, os estudantes tinham viajado para Iguala neste dia para realizar um protesto. Em seu caminho até lá, a polícia localizou e interceptou o grupo e um confronto se seguiu. Detalhes do que aconteceu durante e após o confronto permanecem obscuros, mas a investigação oficial alega que uma vez que os alunos estavam na prisão, eles foram sequestrados por policiais e que eles (os normalistas) foram mortos por membros do cartel de narcotraficantes chamado “Guerreros Unidos” em um aterro sanitário na cidade vizinha de Cocula. (A segurança da população do Estado Guerrero foi o compromisso número 28 do EPN registrado em cartório).

Para alguns analistas, Jo Tuckman jornalista The Guardian, por exemplo, EPN se tornou presidente porque teve a maquinaria de *Televisa* a seu serviço¹⁰. Outros setores, como o movimento #Yosoy132, consideram que na eleição do EPN foi fundamental a compra de votos e da justiça eleitoral. O escritor e professor universitário Jenaro Villamil, por sua parte, afirma que se tratou de uma estratégia utilizada pela equipe de campanha de EPN que passou por maquiagem, ocultar e encobrir o pagamento de uma propaganda muito onerosa. O mencionado professor explica que para logr-lo se utilizaram os *brokers*, agências de promoção com papel de intermediário entre a estrutura do governo e as corporações midiáticas (VILLAMIL, 2012).

Mesmo que outros Ubús tenham habitado a geografia do Estado Moderno ocidental, o funcionário imbecil, “cheio de caspa”, ridículo ou puído, em palavras de Foucault, o Ubú Burocrata, talvez inútil, mas completamente funcional à administração moderna; sem esquecer o “histrião louco” do império Romano e o “homenzinho de mãos tremulas coroado por quarenta milhões de mortos”, mencionados também por Foucault¹¹, (2001, p. 17-8), não deixa de parecer um absurdo que EPN tenha se tornado presidente do México. Mas como ele pode?

Tanto faz, poderia responder Foucault com ironia, já que o grotesco não é uma falha ou “um acidente na história do poder”; é uma das “engrenagens que são parte inerente dos mecanismos do poder”. De tal modo que para o Foucault, exibir o poder de forma explícita como “abjeto, infame ou ridículo” é de fato ratificar a “inevitabilidade do poder”, reafirmando a transmissão de seus efeitos ainda quando esteja nas mãos de alguém totalmente desqualificado. Tanto faz, diria de novo o nosso professor francês, que o soberano seja um “tolo” que não sabe o salário mínimo porque não é da “prole”, citando as palavras da filhinha do Peña Nieto (VARGAS, 2011) ou que não consiga ler o *teleprompter* durante uma entrevista do CNN (HERNANDEZ, 2012). Tanto faz que EPN seja um “soberano infame ou ridículo” ou que ele materialize a “indignidade do poder”. Tanto faz, finalizaria Foucault, porque nisso o poder demonstra que é incontestado, que a ignomínia de quem nos governa serve, principalmente, para fazer solene o caráter iniludível da submissão, do absurdo de continuar vassal dos soberanos mais medíocres e truculentos.

E quando alguém sai dessa inércia diante do poder? Na ponta extrema da sua racionalidade violenta, diria Foucault, o poder agiria, fazendo-se douto para enunciar verdades que sendo ridículas detêm o poder de matar. Atenco é a segunda e, talvez, mais importante razão pela que EPN não podia se tornar presidente dos mexicanos. “Operativo Atenco” se denominou a intervenção policial ordenada por EPN, então governador do Edomex, em maio de 2006 na pequena localidade de San Salvador Atenco¹², com o objetivo de conter os protestos dos floricultores, que se manifestavam contra o despejo de vendedores ambulantes durante a festa de *La Santa Cruz*. O resultado da ação comandada por mais de 3.000 policiais foi assassinato de dois jovens (um deles menor de idade), a detenção arbitrária de 200 pessoas, as agressões sexuais a 26 mulheres por parte das forças policiais, torturas e outras violações aos direitos humanos reconhecidos pela Comissão Nacional de Direitos Humanos (MÉXICO, 2006).

O caso de Atenco não pode se atribuir ao “gênio” político de EPN, já que outros *Priistas* ensaiaram o uso da violência institucional na contenção da contestação social. Lembra-se a tristemente celebre “Massacre Tlatelolco” em 1968, durante o governo de Gustavo Díaz Ordaz (1964-1970), na qual foram assassinadas trinta e três pessoas, segundo cifras oficiais. De acordo com Octavio Paz, em seu livro *Posdata* (1991), os mortos de Tlatelolco superavam os trezentos.

Naquela época Díaz Ordaz aceitou, sem o menor assomo de vergonha, a responsabilidade pessoal nos fatos. Emulando ao Díaz Ordaz o nosso Ubú

10

Televisa é um empório mexicano e a maior produtora mundial de conteúdos de televisão em Espanhol.

11

Alusões feitas por Foucault a Nero e Hitler na aula do dia 8 de janeiro de 1975.

12

A localidade de San Salvador de Atenco se encontra localizada no Estado de México, a 26 quilômetros de Cidade de México, capital do país.

13

A Universidade Iberoamericana (conhecida como Ibero) é um conjunto de universidades privadas em México de origem jesuíta. Nela surgiu o Movimento “*Yo soy 132*”, contra da imposição midiática do EPN como candidato as eleições presidenciais de 2012.

14

Antes de concluir [...] voy a responder a este cuestionamiento sobre el tema de Atenco, hecho que ustedes conocieron y que sin duda, dejó muy en claro, la firme determinación del gobierno, de hacer respetar los derechos de la población del estado de México (Edomex), que cuando se vieron afectados, por intereses particulares, tomé la decisión de emplear el uso de la fuerza pública para restablecer el orden y la paz. Y que en el tema lamentablemente hubo incidentes que fueron debidamente sancionados. Pero, reitero fue una acción determinada, personalmente, que asumo personalmente [...] en el legítimo derecho que tiene el estado mexicano de hacer uso de la fuerza pública, como además debo decirlo, fue validado por la suprema corte de justicia de la nación

Presidente fez o próprio em relação ao “Operativo Atenco”, e em plena campanha eleitoral o justificou apresentando-o como um legítimo direito do Estado para restaurar a “ordem e a paz”. Sem importar, que para atingir o tal objetivo tivesse usado de modo desproporcionado uma força policial, que em número representava já os 18% da população de San Salvador de Atenco. Para o futuro presidente de México o acontecido em Atenco, segundo o discurso proferido na Universidade Iberoamericana¹³ em maio de 2012, se tratava de um ato de defesa dos direitos da população do Edomex, que se encontravam ameaçados por “interesses particulares”. O anterior pode se observar num trecho do mencionado discurso:

Antes de terminar, eu vou responder ao questionamento sobre o tema de Atenco. Fato que vocês conheceram e que, sem duvida, esclareceu a firme determinação do governo para fazer respeitar os direitos da população do estado de México (Edomex). Quando os mencionados direitos foram afetados por interesses particulares (EPN faz alusão aqui aos direitos dos floricultores) tomei a decisão de empregar o uso da força policial para restabelecer a ordem e a paz. Mesmo que tenham acontecido incidentes lamentáveis, reitero que foi uma ação que assumo pessoalmente e que foi validada pelo tribunal de justiça da nação (PEÑA NIETO, 2012, tradução nossa).¹⁴

Com o discurso mais bem logrado do Ubú Presidente se abandona, como o próprio Foucault já fez, a questão do ubuesco no poder. E se abandona para tentar uma aproximação ao sentido das práticas de morte que foram “autorizadas” no “Operativo Atenco” por EPN, assim como o papel da mídia na justificativa perante a sociedade mexicana.

A questão do “ubuesco” remete à natureza do funcionamento da mecânica do poder, onde a violência é uma marca que o caracteriza e que o define como inevitável em todo tempo e lugar. O ridículo com poder de matar não explica a função das práticas de morte na sociedade contemporânea, não é mais a sede de sangue do Calígula ou a sua indiferença perante a vida. No contexto da modernidade as práticas de morte encontram-se circunscritas nas formas pelas quais as relações de poder são exercidas, por meio de tecnologias do poder específicas que atuam sobre a população, no biopoder. “Um poder destinado a produzir forças, a fazê-las crescer e a ordená-las’, um ‘poder que se exerce positivamente sobre a vida, que se encarrega de a gerir, de a valorizar, de a multiplicar, de sobre ela exercer controles precisos e regulações de conjunto” (EWALD, 2000, p.77).

De bufão a carrasco: o papel da mídia na justificativa da ação homicida do Estado

O “Operativo Atenco” foi definido pelo próprio EPN, no seu discurso na Universidade Iberoamericana, como uma ação do governo em “legítima defesa do Estado de Direito” e, sobretudo, em defesa dos direitos de uma parcela da população do Edomex, os “cidadãos de bem”, que se encontrava ameaçada por outra parcela, os participantes dos protestos. O que de fato significava que o cuidado da vida dos “cidadãos de bem” demandava uma ação que amainou a vida daquela parcela da população, apresentada pela mídia como o outro negativo, o “perigoso”: os floricultores que protestavam em defesa dos seus direitos.

A possibilidade de matar ou de expor à morte um grupo de pessoas consideradas como indesejáveis ou “perigosas” por parte dos funcionários estatais é uma das consequências da incorporação do racismo nos mecanismos de um Estado cuja função passou a se basear no biopoder

(FOUCAULT, 2005). A hierarquização entre as vidas humanas através do racismo foi a condição de aceitabilidade do direito de morte nas sociedades de normalização, sob o imperativo “em defesa da sociedade”.

A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura (FOUCAULT, 2005, p. 305).

A população do San Salvador Atenco, reconhecida por ter desenvolvido uma luta histórica pelo direito à terra (ROSAS, 2013) e com forte influência do Zapatismo (tanto do “velho”, do início do século XX, como do “novo”, representado por “*La Otra Campaña*”¹⁵), encarnava o “outro perigoso”, o “anormal” para o resto da sociedade. E essa imagem foi capitalizada de modo abjeto pela grande mídia, que não perdoava a derrota do governo de Vicente Fox¹⁶ em 2002 nas mãos dos produtores rurais de Texcoco, vizinhos de Atenco. Organizados no *Frente de Pueblos en Defensa de la Tierra* (FPDT), os *ejidatarios*¹⁷ de Texcoco em parceria com os produtores rurais de San Salvador de Atenco, Tocuila, Nexquipayac, Acuexcomac, San Felipe e Santa Cruz conseguiram deter a construção de um aeroporto para o Distrito Federal de México e a revogação do decreto que autorizava a expropriação de 5.474 hectares de terra comunitária na localidade de Texcoco. A vitória do FPDT, sem dúvida, justificou o uso de uma estratégia midiática que em diante se obcecou em criar estranheza entre os “revoltosos” e os “cidadãos de bem”.

Para Carlos Fazio (2013), pesquisador da UNAM, a irrupção violenta das forças policiais, durante os dias 3 e 4 de maio de 2006 em San Salvador de Atenco, fazia parte de uma estratégia de guerra psicológica contra a dissidência política e o movimento social. Para justificar sua afirmação, o pesquisador acode às análises do papel que teve a mídia durante o dia 3 de maio, com o fim de implantar na opinião pública a ideia de que os “*atequenses*” eram violentos, irracionais e fora da lei. Segundo Fazio, as cenas transmitidas pelos noticiários da *Televisa* e *TVAzteca* foram escolhidas seletivamente para fazer com que os telespectadores dessem sua aprovação ao uso desproporcional da força por parte do estamento policial. Fazio faz alusão ao noticiário *Hechos Meridiano* da *Televisión Azteca*, onde os jornalistas (Jorge Zarza e Gloria Pérez) pediram de modo insistente e reiterativo, com imagens de policiais feridos no chão, que se incrementasse o número de efetivos policiais para entrar e “defender” os que ali se encontravam dos ataques dos manifestantes. As imagens dos manifestantes com seus machados em alto disseminaram a ideia de que uma “horda de selvagens” sequestrava e atacava “indefesos” policiais em cumprimento do seu dever. Os discursos reforçaram aquela ideia.

A “periculosidade” daqueles manifestantes de origem camponesa foi arquitetada e veiculada pela mídia durante o primeiro dia de confronto com o objetivo de justificar a violência no segundo dia, e para mascarar a caça da dissidência política. A periculosidade, segundo Foucault, faz com que o indivíduo deva ser considerado pela sociedade ao nível de suas virtualidades e não ao nível de seus atos, não pelas infrações efetivas da lei, mas pelo potencial perigo que seu comportamento representa para todos (FOUCAULT, 2002, p. 85). Essa dimensão da virtualidade é explorada por Paulo Vaz (2005, 2009) ao analisar as narrativas midiáticas na construção da ideia de “risco” e na produção da subjetividade da “vítima virtual”. Segundo Vaz, Sá-Carvalho, Pombo (2005, p.8), a noção de risco,

implica uma batalha constante pela segurança e continuidade do presente de alguns em oposição indefinida a outros que os ameaçam. Não há noção

15

Iniciativa de articulação política com outros setores sociais ligados ao EZLN (Ejército Zapatista de Libertación Nacional).

16

Vicente Fox Quesada foi presidente do México no período 2000-2006, pelo partido de centro direita PAN (Partido de Acción Nacional).

17

Proprietários das terras comunais

de progresso ou libertação quando é o risco que define os contornos do futuro [...] o conceito de risco implica trazer a probabilidade de acontecimentos futuros indesejáveis para o presente e associar sua ocorrência a decisões, conformando uma visão do futuro não como lugar de realização, mas de sofrimentos a serem evitados.

O surgimento da noção de risco teve como pano de fundo o Estado Neoliberal, ao transferir para os indivíduos os cuidados com a saúde e a segurança, e ganhar o direito de escolher os riscos que se desejam assumir. Em consequência, estilos de vida prudentes e responsáveis são escolhas realizadas com base nas probabilidades de encarar situações de risco na vida cotidiana. Nesse contexto, o “desviante” resulta ser algo inevitável nas sociedades, mas que pode se conter dentro de certas fronteiras a fim de não afetar ao “cidadão de bem”. Nesta perspectiva, os indivíduos devem prestar atenção na mídia já que ela brinda informação sobre os perfis dos criminosos e dos lugares onde moram (VAZ, P.; SÁ-CARVALHO, C.; POMBO, M, 2005). Então, só basta tentar se afastar de quem se assemelhe ao perfil ou evitar o encontro, e nessa medida pode se reduzir a probabilidade de alguém se tornar uma vítima.

O conceito de vítima virtual compreende o cuidado de se evitar o sofrimento súbito e inesperado que outros podem provocar. A atribuição de responsabilidade não se restringe ao cuidado, ao eixo que avalia as decisões do presente tendo em vista a possibilidade de sofrimento futuro; na forma da acusação, a atribuição recua do sofrimento atual para ações humanas passadas, supondo que ele poderia não ter existido se outros tivessem agido diferentemente (VAZ, 2009, p. 53-54).

A existência desse risco de vitimização induz uma forma de ser, atuar e se pensar no mundo como vítima virtual, que acompanha as demandas a favor de um Estado mais autoritário e mais violento. A aceitabilidade da violência legitima a ordem; a sociedade precisa do seu contrário para justificar a sua existência, necessita da ameaça, do medo, do conflito para assegurar o seu presente e o seu futuro.

Sem delinqüência não há policia. O que torna a presença policial, o controle policial tolerável pela população se não o medo do delinqüente? Você fala de um ganho prodigioso. Esta instituição tão recente e tão pesada que é a policia não se justifica senão por isto. Aceitamos entre nós esta gente de uniforme, armada enquanto nós não temos o direito de o estar, que nos pede documentos, que vem rondar nossas portas. Como isso seria aceitável se não houvesse os delinqüentes? Ou se não houvesse, todos os dias, nos jornais, artigos onde se conta o quão numerosos e perigosos são os delinqüentes? (FOUCAULT, 1996, p. 137).

O negativo não se opõe ao positivo, o funda, permitindo seu desenvolvimento. Assim a sociedade pode sobreviver à violência que a atravessa, só deslocando-a a um inimigo comum que possa atraí-la sobre si. As práticas de morte de um Estado homicida são aceitas pela sociedade sob o estratagema da necessidade de “fazer morrer” (eles) para “poder viver” (nós). E na construção desse inimigo a mídia cumpre um papel relevante, como afirma Vaz:

As narrativas de crimes, atentados e acidentes contêm uma classificação hierárquica dos seres humanos fundada no poder presumido da ação humana diante do sofrimento; a classificação traz consigo um potente motivo para sua validação e interiorização, que é a identificação com os sofredores através das emoções de medo, compaixão e indignação; essas

emoções, por sua vez, dependem de crenças sobre o poder presumido da ação humana (VAZ, 2009, p. 59).

O discurso midiático possui um lugar social que o autoriza a enunciar o verdadeiro. A partir de certa moral define os estilos de vida a seguir para não se tornar vítima virtual, e também julga sobre a inocência ou a culpa dos causantes dos sofrimentos das vítimas virtuais. As notícias são um “potente impulso” para os indivíduos aderirem a um processo emocional de identificação com a vítima (VAZ, 2009). Por isso, aquele 4 de maio de 2006, os cidadãos mexiquenses¹⁸ indignados com as imagens dos policiais agredidos pelos manifestantes aplaudiram, apesar dos excessos, a efetividade do “Operativo Atenco”. Graças às transmissões da *Televisa* os “cidadãos de bem” assumiram como verdadeiro o fato de que qualquer um poderia ter sido aquele policial no chão, ficando na consciência das pessoas que aquele “Operativo”, embora violento, fosse totalmente necessário.

A forma de pensar o risco não admite o acaso, já que todo e qualquer sofrimento é evitável, inclusive o dos “criminosos” (VAZ, P.; SÁ-CARVALHO, C.; POMBO, M, 2005). Desta lógica aquele criminoso poderia não ter morrido naquela “favela” se tivesse escolhido “melhores” amizades ou se tivesse terminado seus estudos. A abstenção de certos prazeres no presente pode diminuir ou evitar os sofrimentos futuros. A segurança de cada cidadão vai depender de um comportamento coerente com certo padrão de moralidade difundido pela mídia, que atravessa a subjetividade de “vítima virtual” e que estabelece os limites da participação política na cidadania e da percepção do sentido ético e justo. Assim, deste olhar, os estupros das mulheres de Atenco são condenáveis, mas poderiam ter sido evitados se elas estivessem permanecido em casa cuidando dos seus filhos, em lugar de participar da política, a qual é “coisa de homens”! As torturas aos camponeses poderiam ter sido evitadas no “Operativo Atenco” se eles tivessem escolhido investir seu tempo trabalhando na chácara, lugar apropriado para quem é realmente pobre, em lugar de sair a protestar. É essa a moral que a mídia difunde, a que justifica o fato de que certos sacrifícios humanos sejam aceitos pelo “público” (cidadãos espectadores) como os “danos colaterais” necessários para manter o equilíbrio do sistema social.

E para não concluir... Ayotzinapa

“A minha mãe falava: a gente muito se está rindo agora, depois o pagaremos” Rafael Azcona (tradução nossa).¹⁹

Desde o dia 26 de setembro de 2014 em Iguala, está ficando difícil para a mídia continuar a nos divertir com as “gracinhas” daquele “bufão” que se tornou presidente. Aquele dia o “bufão” praticou seus ofícios de carrasco, condenando a uma morte gota a gota aos 43 normalistas de Ayotzinapa. O desaparecimento dos corpos dos normalistas já tinha começado décadas atrás com a displicência de outros governantes, que tentavam apagar o legado da Revolução Mexicana pelo caminho da asfixia orçamental, a reforma administrativa e também pela repressão, como aconteceu durante o governo de Díaz Ordaz, que ocupou militarmente 50 % das escolas normalistas.

Aquela noite de 26 de setembro, como em Atenco, foram convocadas as forças legais e “paralegais” para “defender a sociedade” do “perigo revolucionário” que representam as escolas normalistas rurais no México, segundo as palavras do Deputado Sarbelino Molina (VÁSQUEZ, 2014). Naquela noite, os policiais em uma operação conjunta com o grupo criminoso denominado “*guerreiros unidos*”, ativaram cenários de suplícios

18

Expressão utilizada para falar dos cidadãos de Edomex (vide nota 2).

19

“Mi madre decía: Mucho nos estamos riendo, ya lo pagaremos”

que se acreditavam erradicados da sociedade contemporânea, e na verdade sempre estiveram presentes no dispositivo de segurança. A exibição do corpo castigado como um cerimonial que reconstitui a soberania lesada e a submissão dos súditos que se atrevem a revoltar-se, são espetáculos macabros que ainda acompanham a entrada triunfante dos governantes a seus palácios.

Naquela noite e os dias seguintes nos noticiários se falava dos mortos e dos desaparecidos como o resultado dos confrontos “cotidianos” entre policiais e normalistas. Dispersava-se o foco do problema real, o desaparecimento e as mortes, com valorações moralistas acerca dos métodos de luta historicamente usados pelos normalistas. Ao ponto que alguns comentários que se destacavam nos foros das redes sociais brilhavam por seu fascismo, creditando aos próprios normalistas a responsabilidade pelo acontecido; em outros casos, celebrando as mortes, justificando o que não se pode justificar e pedindo de modo sádico que “os matem para que eles não se reproduzam”(tradução nossa)²⁰.

Tem quem ousou bater palmas diante do corpo sem rosto do estudante de Ayotzinapa; tem quem achou naquelas torturas um exemplar método de disciplinamento para corrigir o potencial subversivo dos normalistas. É preferível pensar que não são muitos os que acham que, embora desconfortáveis para algumas consciências, as práticas de morte sejam inevitáveis nos dispositivos de segurança do Estado contemporâneo. Se de fato fosse assim, disse Agamben (2001), se apresentaria o risco de que o Estado faça da segurança sua única tarefa e fonte de legitimidade, até se tornar ele mesmo terrorista.

O certo é que existe em nossas sociedades uma tendência à naturalização no uso das práticas de morte como estratégia de regulação social. E ela é o resultado da injeção permanente, através da mídia, de palavras de ordem que organizam o mundo, revelando, ocultando, impondo verdades e construindo realidades. A naturalização das práticas de morte mostra-se como a perversão da ação política de uma cidadania cuja única saída coletiva, perante os problemas sociais, resulta na autorização (conivência) do “fazer morrer” aos que representam um suposto risco para mim e para a “sociedade de bem”. Como já foi falado por Guattari (1996), no cenário contemporâneo, o capitalismo se instala na própria produção de subjetividades, mas ela mesma traz consigo imensas possibilidades de desvio e singularização, e cabe a todos nós achar as linhas de fuga para criar, como gostava de dizer Deleuze, “uma resistência digna de presente”.

Sobre o artigo

Recebido: 27/07/2017

Aceito: 22/08/2017

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. **Sobre a segurança e o terror**. Tradução: Daniel Alves Teixeira. Artigo original publicado no Frankfurt Allgemeine Zeitung (Jornal Geral de Frankfurt) em 20 de Setembro de 2001. Disponível em: <<https://lavrpalavra.com/2016/09/19/seguranca-e-terror/>>. Acesso em 23 mai.2018

CAMUS, A. **Obras escogidas**. Santiago de Chile: Editorial Andrés Bello, 1991.

20

“que los maten para que no se reproduzcan” foram as polêmicas declarações da ex-deputada do PRI, Marili Olguín Cuevas, acerca dos Normalistas de Ayotzinapa (REDACCIÓN AN, 2014)

ESSLIN, M. Ubú Rei. **Cadernos de Teatro**, Rio de Janeiro, n. 58, 1973. Disponível em: <<http://otablado.com.br/wp-content/uploads/notebooks-theater/ac806bb1cb30e3cca8f4114203e4e4bd.PDF>>. Acesso em 5 fev. 2018.

EWALD, F. **Foucault, a norma e o direito**. Tradução: António Fernando Cascais. Lisboa: Veja, 2000.

FAZIO, C. **Terrorismo mediático**. La construcción social del miedo en México. México D.F: Random House Mondadori, 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

FOUCAULT, M. **Os anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, M. **As verdades e as formas jurídicas**. Tradução: Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2002.

FOUCAULT, M. **Em defesa da Sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976). Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Microfísica. Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

HERNANDEZ, J. A Enrique Peña Nieto le dictan su discurso por un auricular en una entrevista de CNN. **Youtube**, 9 jul. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8H7UA9scm74>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

MARTIN, R. El oso de Peña Nieto. **El Economista**, México, 5 dez. 2011. Disponível em: <<https://www.economista.com.mx/opinion/El-oso-de-Pena-Nieto-20111205-0002.html>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

MÉXICO. Comisión Nacional de los Derechos Humanos. **Recomendación 38**. México, 2006. Disponível em http://www.cndh.org.mx/sites/all/doc/Recomendaciones/2006/Rec_2006_038.pdf. Acesso em: 4 fev. 2018.

MONTERO, A. Los suspirantes. Enrique Peña Nieto. **SPD Noticias**. México, 10 out. 2011. Disponível em: <<http://www.sdpnoticias.com/columnas/2011/10/10/los-suspirantes-enrique-pena-nieto>> Acesso em: 5 fev. 2018.

PEÑA NIETO, E. Resumen de EPN en la Ibero. **TuEligesMéxico**, mai. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=INj7BP406d8>>. Acesso em: 4 fev. 2018

REDACCIÓN AN. “Mátenlos para que no se reproduzcan”: ex diputada del PRI sobre Ayotzinapa. **Ariastegui Noticias**, México, 5 nov. 2014. Disponível em: <<http://aristeguinoticias.com/1511/mexico/matenlos-para-que-no-se-reproduzcan-ex-diputada-del-pri-sobre-ayotzinapa/>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

ROSAS, R. **San Salvador Atenco. Historia agraria (1910-1940)**. Guanajuato: Universidad de Guanajuato-Altres Costa-Amic Editores, 2013.

TUCKMAN, J. Escándalo en los medios de comunicación mexicanos: una unidad secreta de Televisa promocionó al candidato del PRI. **The Guardian**, Ciudad de México, 26 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/media/2012/jun/26/escandalo-medios-televisa-candidato-pri>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

VARGAS, R. Hija de Peña Nieto causa ira en Twitter al renviar mensaje que insulta a críticos. **La Jornada**. México, 6 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/2011/12/06/politica/013n1pol>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

VÁSQUEZ, C. Las normales son un peligro para México: diputado del Panal. **MICHOACÁN 3.0**. México, 12 out. 2014. Disponível em: <<http://michoacantrespuntocero.com/las-normales-son-un-peligro-para-mexico-diputado-del-panal/>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

VAZ, P. Vítima virtual e mídia. In: Simpósio Internacional Vigilância na América Latina: vigilância, segurança e controle social, 1, 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: PUCPR, p. 51-69, 2009. Disponível em <http://www2.pucpr.br/ssscla/papers/SessaoA_A43_pp51-69.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2016.

VAZ, P.; SÁ-CARVALHO, C.; POMBO, M. Risco evitável: a imagem da polícia no noticiário de crime. **É-Compós - Revista da Associação Nacional dos PPGs em Comunicação**, Brasil, v. 4, p. 1-22, Dezembro de 2005. Disponível em <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/46/46>> Acesso em: 4 fev. 2018.

VILLAMIL, J. **Peña Nieto: el gran montaje**. México: Grijalbo Mondadori, 2012.